

# DEUS ÀS MARGENS

FRANCESCO COSENTINO

Tradução:  
Pe. Felipe Sardinha Bueno

# DEUS ÀS MARGENS

A revelação de Deus em tempos de secularização



# ÍNDICE

<b>APRESENTAÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA</b> .....	7
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>I. REVELAÇÃO, MODERNIDADE E TEOLOGIA NO SÉCULO XX</b> .....	17
1. O desafio da modernidade.....	18
2. A resposta teológica ao desafio da modernidade.....	22
3. Da crise neoescolástica à <i>Dei Verbum</i> .....	55
4. A revelação e a “recuperação” da história .....	63
<b>II. A TEOLOGIA DA REVELAÇÃO: PROPOSTAS E MODELOS NO SÉCULO XX</b> .....	71
1. Karl Barth e o modelo dialético.....	75
2. Karl Rahner e o modelo antropológico-transcendental.....	80
3. Hans Urs Von Balthasar e o modelo estético-fundamental .....	89
4. Revelação como “evento”: uma leitura político-experencial.....	94
<b>INTERLÚDIO</b> .....	107
Jesus revela o Pai: o horizonte cristológico da revelação em sua singularidade .....	107
<b>III. DIZER DEUS HOJE: PERGUNTAS, DESAFIOS E PROVOCAÇÕES PARA UMA “TEOLOGIA DAS MARGENS”</b> ....	145
1. Um Deus escondido .....	147
2. Declínio do cristianismo? .....	153
3. Uma teologia “das margens” .....	157
<b>IV. IMAGINAR DEUS NA ERA DA IRRELEVÂNCIA</b> .....	207
1. Voltar à urgência da evangelização.....	210
2. Discernir fé e cultura: uma leitura de Michael Paul Gallagher.....	215

3. Interpretar a irrelevância cristã: uma leitura de Paul Tillich.....	220
4. Abrir-se a uma teologia da imaginação .....	223
5. Prestar atenção às disposições interiores .....	230
6. Repensar a morte de Deus, para uma nova imagem do divino.....	237
7. Imaginar uma Igreja sinodal.....	250
8. Praticar o encontro com outras religiões .....	265
9. Retornar ao essencial da fé.....	274
10. Despedida: libertar o cristianismo.....	289
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>299</b>

## APRESENTAÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA

O texto do professor Francesco Cosentino insere-se como instrumento valioso de reflexão teológica em tempos de secularização, isto é, de transformação do sentido religioso, através da separação entre o sagrado e o profano no âmbito público, diminuição de pessoas afiliadas definitivamente a uma manifestação religiosa de um lado, e crescimento de linguagens mais associadas ao conteúdo espiritual de modo intenso, como vinculados às comunidades de fé ou “perpendiculares” a elas (sem pertença denominacional), de outro.

Expressa-se como obra singular, “recheada” de bibliografias importantes referentes ao mundo do pensamento filosófico e teológico dos últimos tempos como resposta a esse fenômeno complexo, o qual não atinge somente o espectro euro-ocidental, mas também os espaços referentes ao continente americano, inclusive nossas terras brasileiras.

A leitura desta obra teológica salutar favorecerá a difusão de compreensões que podem auxiliar na elaboração de “teologias às margens” por nossos estudantes nacionais, isto é, a assimilação das fronteiras diversas da sociedade e da cultura contemporâneas, mantendo-se a fidelidade primordial evangélica ao mandato jesuânico de ir por todo o mundo, por todas as realidades e manifestações humanas, e proclamar a Boa Notícia da salvação, e do amor divino a ela indexado.

Estudar as “margens” da teologia para mergulhar no “profundo” de seus desafios pode ser uma valiosa ferramenta pastoral para além dos métodos tradicionalmente assumidos de se proclamar a redenção com os que já se sentem parte do

“rebanho crístico”, e proporcionar um apostolado mais coerente com as demandas adequadas aos contextos emergentes.

*Dr. Pe. Felipe Sardinha Bueno*  
tradutor

## INTRODUÇÃO

Em uma entrevista sobre o futuro do mundo e da Igreja, realizada em Roma em 1982, perguntaram a Karl Rahner quais eram, em sua opinião, os problemas teológicos mais urgentes. O teólogo alemão respondeu sem hesitar que, no fim das contas, eram os mesmos de sempre: “Os problemas teológicos mais antigos, que são, no fundo, também os mais atuais: como é possível uma experiência autêntica de Deus? Como posso saber verdadeiramente que Deus se revelou, em Jesus Cristo, de forma absoluta e definitiva?”<sup>1</sup>

O eco dessas perguntas retorna também hoje: ainda faz sentido falar de Deus em nosso tempo? A questão parece tudo menos superada, enquanto herdamos a estrutura histórica do século XX que, atravessada por catástrofes e mudanças épicas, “liquidou” a questão sobre Deus ou, no máximo, relegou-a às margens da vida e de uma religiosidade privada. Deus está agora nos limites da vida, nessa margem da história. Trata-se de um desafio que exige que a reflexão teológica saia do canto, tomando consciência de que “o cristianismo está agora em uma posição minoritária: enquanto pretende ainda representar a todos, na verdade tende a se tornar uma seita, cuja linguagem e gestos ninguém mais compreende”.<sup>2</sup>

Espontaneamente, tendemos a pensar que um exercício teológico semelhante tem a ver com questionamentos intelectuais elaborados e abstratos, enquanto, na verdade, falar de

<sup>1</sup> K. Rahner. *Confessare la fede nel tempo dell'attesa*. E. Imhof; H. Biallowons (org.). Roma: Città Nuova, 1994, p. 195.

<sup>2</sup> E. Salmann. “Mística, l'inaudito del cristianesimo”, in: AA.VV. *Il centro e il confine. Interviste su cristianesimo e modernità*, organizado por: G. Ruggieri. Sotto il Monte: Servitium, 2002, p. 68.

Deus nunca está dissociado de sua manifestação/entrega na experiência como realidade que abraça a totalidade da existência humana e lugar que lhe confere sentido e interpretação. Tanto mais que, especialmente no nosso contexto, se pode afirmar que o que faltou não foi alguma demonstração da existência de Deus, mas a sensibilidade interior para a relação com aquilo que nos ultrapassa: “Na questão sobre Deus, nunca é a prova que falta. Trata-se de gosto. Perdeu-se, pelo menos em aparência, o gosto por Deus: eis o diagnóstico mais triste e alarmante sobre a nossa época”.<sup>3</sup>

A teologia da revelação está sempre intimamente ligada àquela experiência que chamamos de fé, num exercício que tenta oferecer um olhar diferente sobre a vida e a história, a partir daquela surpresa excedente de Deus que se revelou em Jesus Cristo: Deus se manifesta como Deus, somente em sua doação e confiança no tempo e no homem, em sua permanência nas casas dos homens, pois Ele mesmo é plena e profundamente humano.<sup>4</sup> Nesse sentido, toda reflexão teológica é uma teologia fundamental prática, que liga a experiência de Deus e a experiência do homem, e que Rahner soube encarnar com estas palavras: “No fundo, queremos apenas refletir sobre esta simples pergunta: ‘O que é um cristão e por que hoje podemos viver esse ser cristão com honestidade intelectual?’”.<sup>5</sup>

Enquanto vivemos uma época “caracterizada pelo obscurecimento da luz celeste, pelo eclipse de Deus”,<sup>6</sup> é antes de tudo a própria possibilidade de falar de Deus ao homem contemporâneo que deve ser novamente abordada. A palavra

---

<sup>3</sup> H. de Lubac. *Sulle vie di Dio*. Milão: Jaca Book, 2008, p. 87.

<sup>4</sup> Cf. G. Mazza. *Incarnazione e umanità di Dio. Figure di un'eternità impura*. Cinisello Balsamo: Edizioni San Paolo, 2008.

<sup>5</sup> K. Rahner. *Corso fondamentale sulla fede. Introduzione al concetto di cristianesimo*. Cinisello Balsamo: Edizioni San Paolo, 1990, p. 19. Trad. brasileira: *Curso fundamental da fé*. Paulus.

<sup>6</sup> M. Buber. *L'eclissi di Dio. Considerazioni sul rapporto tra religione e filosofia*. Milão: Mondadori, 1992, p. 35.

“Deus”, de fato, enquanto nos remete à transcendência inefável do Mistério divino, é também a palavra gravada no coração do ser humano e de sua história, e, portanto, palavra que nos ultrapassa; evento que, ao indicar o caminho, abre interrogantes, que oferece a paz apenas ao preço de uma reviravolta nas certezas humanas e que convida à superação de si mesmo e à hospitalidade de uma alteridade surpreendente.

Na complexa estrutura pós-moderna, esta continua a ser a tarefa da teologia contemporânea: “Fazer com que Deus seja novamente ouvido como Deus: quebrando a consciência histórica moderna, desmascarando as presunções da racionalidade moderna, exigindo atenção para todos aqueles que foram esquecidos ou marginalizados pelo projeto moderno”.<sup>7</sup> Trata-se, antes de tudo, de superar os estreitos limites de uma metafísica que encaixa Deus nas categorias dogmáticas do ser, para chegar à especificidade do Deus cristão que, como amor e relação, se configura como um “excesso transgressivo”, um dom que supera e surpreende.<sup>8</sup> É isso que torna Deus “mais do que necessário” e o resgata da marginalização à qual foi condenado há muito tempo: não se trata de um monólito entrincheirado no alto dos céus e no esplendor de sua divindade, mas de um Deus-Amor que desce entre nós e cuida do nosso destino. Evento cristão por excelência, a revelação de Deus em Cristo Jesus e no Espírito Santo é o acontecimento que manifesta não apenas “o que Deus faz”, mas também e sobretudo “o que Deus é”: Ágape, Deus por nós.<sup>9</sup> A centralidade da revelação, para a teologia, é um dado incontestável: acreditar significa ser atraído e depois transportado para a verdade e a beleza

<sup>7</sup> D. Tracy, “Il ritorno di Dio nella teologia contemporanea”, in: *Concilium* 6 (1994), p. 61.

<sup>8</sup> Cf. J.-L. Marion. *Dio senza essere*. Milão: Jaca Book, 1987.

<sup>9</sup> Cf. A. Rizzi. *Dio in cerca dell'uomo. Rifare la spiritualità*. Cinisello Balsamo: Edizioni San Paolo, 1987, p. 46.

da revelação, para poder contemplar o próprio mistério do Deus Uno e Trino. E a revelação, nesse sentido, representa a síntese de todo o conhecimento teológico e do ato de fé: a Palavra de Deus se cumpre e se realiza na revelação de Deus em Jesus Cristo, de modo que ela se torna abrangente do evento da fé e da teologia.<sup>10</sup>

É claro que “retomar a questão de Deus e do seu significado para os dias de hoje pode parecer uma operação quase museológica, atrasada no contexto de um passado religioso”<sup>11</sup> que já não existe mais. No entanto, se voltar à teologia da revelação pode sugerir a ideia de uma espécie de viagem ao passado com o único objetivo de visitar as páginas de uma reflexão do passado, reconsiderar os conteúdos e as linguagens que aprofundaram o coração do Mistério cristão apresenta-se, na realidade, aos nossos olhos, como uma tarefa tão proveitosa quanto urgente; não se trata de contemplar uma riqueza “que foi”, mas de olhar para o horizonte presente e futuro do cristianismo, questionando-se se a questão sobre Deus ainda é determinante e decisiva a ponto de poder ser colocada entre as grandes questões da existência, enquanto, ao mesmo tempo, enfrenta algumas outras questões: ainda é possível hoje falar do Deus que nos falou primeiro? Ainda se pode dizer Deus hoje, em um mundo ao qual Ele se tornou estranho ou indiferente? A Palavra de Deus plenamente manifestada em Jesus ainda é relevante para as mulheres e os homens de hoje, e para sua existência?

Redescobrir os passos da teologia da revelação e seu caminho progressivo até os desenvolvimentos do Concílio Vaticano II é uma tarefa que, por um lado, ajuda a “fazer um balanço” da transição da apologética moderna para a

---

<sup>10</sup> Cf. H. U. von Balthasar, “Dalla teologia di Dio alla teologia della chiesa”, in: *Communio* 58 (1981), p. 6.

<sup>11</sup> C. Dotolo, *Dio, sorpresa per la storia. Per una teologia post-secolare*. Brescia: Queriniana, 2020, p. 5.

teologia do século XX e sua contribuição imprescindível na recuperação da categoria da história e da cristologia; por outro lado, questiona as possibilidades, não apenas linguístico-comunicativas, de colocar em prática hoje uma teologia da revelação, no contexto de um mundo pós-moderno e plural.

Trata-se de um contexto social e cultural definido por muitos como pós-cristão<sup>12</sup> e, ao mesmo tempo, pós-ateu,<sup>13</sup> no qual a crise da fé e a discussão sobre o futuro possível do cristianismo representam um estímulo para a reflexão teológica, e não podem deixar de sê-lo também para a vida da comunidade crente. Essa questão foi levantada por Paul Tillich já há algumas décadas e deve ser enfrentada novamente hoje em toda a sua radicalidade: “O que me preocupa mais profundamente nestes últimos anos é a questão: a mensagem cristã (especialmente a pregação cristã) ainda é relevante para as pessoas do nosso tempo? E se não for, qual é a causa? E isso se reflete na mensagem do próprio cristianismo?”<sup>14</sup>

No entanto, é necessário situar a questão num horizonte teológico o mais claro possível: em referência ao Deus de Jesus Cristo, que se revela nele e através dele nos entrega “a Boa-nova”; falar de relevância não significa reivindicar um poder religioso da fé cristã nos espaços do mundo, e sim a capacidade do cristianismo de liberar na existência de nossos contemporâneos a vida que o Evangelho transmite. Compreende-se, portanto, que o horizonte em que se move não é aquele que responde ao esquema da apologética clássica, preocupada exclusivamente em transmitir a verdade da fé e o conjunto de suas doutrinas, mas aquele da teologia do

<sup>12</sup> Cf. É. Poulat. *L'era post-cristiana. Un mondo uscito da Dio*. Turim: SEI, 1996.

<sup>13</sup> Cf. J. Verette. *L'ateismo*. Milão: Xenia, 2000, p. 1.

<sup>14</sup> P. Tillich. *L'irrilevanza e la rilevanza del messaggio cristiano per l'umanità di oggi*. Brescia: Queriniana, 2021, p. 31.

século XX e do Concílio Vaticano II, que entende a revelação de Deus como sua própria autocomunicação de amor e, portanto, o encontro e o diálogo que Ele estabelece com os homens e com a história.

A questão não se limita a uma reflexão teórica, mas envolve o horizonte existencial. Karl Rahner compreendeu isso muito bem quando, em uma conferência realizada em 22 de julho de 1982, na Faculdade Teológica de Würzburg, falou de “uma teologia com a qual se possa viver”, ou seja, questionou se poderia existir uma teologia não baseada em ideias abstratas sobre Deus, mas naquele Deus que se revelou para tornar humanamente possível e vivível a vida humana. Rahner não nega a importância de uma teologia acadêmica e científica, diferenciada em muitas disciplinas e setores e com um campo de investigação infinito; no entanto, uma teologia que é consciente de ter um caráter supracientífico, para o jovem teólogo, coincidirá com a concentração nas questões fundamentais, para chegar a uma teologia que o sustente na vida de pessoa humana e de crente:

Em sua teologia, para que ela seja digna de ser vivida, ele deve ter refletido com todo o empenho de sua existência e, obviamente, também com sua racionalidade sobre o que é propriamente a revelação; sobre qual é a relação entre a história das religiões e a história de uma revelação particular e regional; se e como ainda hoje é possível falar seriamente de Deus em um mundo secularizado e positivamente cético, e como podemos fazer entender o que queremos dizer com esse termo; sobre como fazer para descobrir em si mesmo, no homem da vida cotidiana, algo como a experiência de Deus [...]. Se se pode afirmar seriamente que um homem, para ser plenamente homem e cristão, deve ter algo a ver com uma Igreja e com a

sua burocracia e praticar religiosamente os ritos que são usados na Igreja Católica Romana.<sup>15</sup>

Perguntar-se se o cristianismo é ou pode ser relevante para o homem de hoje significa, portanto, questionar-se sobre sua capacidade, não de transmitir uma verdade intelectual, abstrata e separada da vida, mas de comunicar a vida que Deus nos revelou e nos deu em Jesus Cristo, e que habita em nós e na história por meio do Espírito. Trata-se de compreender profundamente, com todas as implicações existenciais do caso, que a notícia inédita do cristianismo é esta: a vida é possível, apesar de tudo. De fato:

É justamente essa coisa inédita de se ouvir que o Evangelho diz: existe uma Vida que não é limitada pelo nada. O Evangelho é o anúncio de que é possível viver verdadeiramente; portanto, um anúncio bom de se entender, se é verdade que todo ser humano deve enfrentar, pelo menos uma vez por dia, a única pergunta verdadeira: qual é o sentido da minha vida? Quem lhe dirá qual vida vale a pena ser vivida?<sup>16</sup>

Se o Deus da revelação cristã ainda pode ter a ver com a vida dos homens e mulheres de hoje é uma questão que se torna cada vez mais candente. Não adianta, portanto, tentar abordá-la de um ponto de vista puramente “pastoral”,

<sup>15</sup> K. Rahner. “Una teologia con cui poter vivere”, in: *id. Nuovi saggi IX. Scienza e fede cristiana*. Roma: Paoline, 1984, p. 149-150. Com outras palavras, Staglianò afirma que se entra em relação com Jesus Cristo somente através da fé; porém, no ato de crer, esta verdade de Deus não vem somente percebida, mas também personalizada; a forma objetiva da fé, assim, se enxerta na vida e se torna vida e, logo, cada teologia que reflita sobre a forma da fé não pode ser senão teologia da vida e pela vida, cf. A. Staglianò, *La teologia “che serve”. Sul compito scientifico-ecclesiale del teologo per la nuova evangelizzazione*. Turim: SEI, 1996, p. 92.

<sup>16</sup> D. Collin. *Il Vangelo inaudito*. Brescia: Queriniana, 2021, p. 18. O próprio autor afirma que, na verdade, o início do Evangelho, na versão joanina, afirma que o Verbo da vida apareceu. Portanto: “revelação inédita: manifestou-se uma Vida mais viva do que aquilo a que chamamos vida”. *Ibidem*.

correndo o risco de cair na dicotomia entre teologia e ação eclesial. A questão é, ao contrário, teológica, uma vez que pretende aprofundar não só e não tanto uma crise de pensamento, mas os obstáculos culturais, existenciais e espirituais que impedem a vida atual de se abrir à relação com Deus.

Nas páginas a seguir, após uma introdução sobre a revelação de Deus, encontraremos uma análise da reflexão teológica sobre o mistério do Deus revelado, desde o fim da apologética moderna até os desenvolvimentos do Concílio Vaticano II. Com base nas aquisições dessa construção teológica, que identificou a centralidade da própria fé cristã na relação singular e definitiva que Deus estabeleceu com a história humana na vida de Jesus Cristo, tentaremos oferecer algumas ideias e provocações para uma teologia capaz de “narrar” e “dizer” Deus no contexto cultural atual, chamado de pós-moderno, marcado pela complexidade da experiência do real, pelo pluralismo, e por uma indiferença geral à questão de Deus. Aquele Deus que, apesar de tudo, não cessa, de várias formas, de interrogar, inquietar e, às vezes, fascinar o homem contemporâneo.